

Autônomos são as frágeis vitrines sociais da nova epidemia

Isolamento expõe a vulnerabilidade de trabalhadores que dependem do convívio social para sobreviver e a necessidade de se refazer diante do novo desafio



Motoristas do aplicativo do Uber correm risco de contaminação pela COVID-19 Foto:ANDREWS NERY

Adaptação. Esse tem sido o desafio enfrentado por Jailson Nascimento, 41, motorista de Transfer que se viu obrigado a encontrar outras formas de levar o sustento para casa. “Eu deveria estar em casa, mas minha família precisa de mim [...]”. Apesar de não possuir uma clientela fixa, a impossibilidade da realização de viagens e passeios fez com que hotéis e pousadas fossem fechados e aglomerações em praias se tornassem inviáveis, derrubando as poucas opções que lhe restava. A alternativa foi passar a prestar serviços como motorista particular, através do aplicativo Uber, trazendo riscos de contaminação pelo novo coronavírus, devido à exposição social. Mas, Jailson garante que cumpre as recomendações do Ministério da Saúde e toma os cuidados necessários. “A orientação da Uber era que nós, motoristas, comprassem álcool em gel e enviasse para eles uma foto do produto e do cupom fiscal [...]”.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), quase 40 milhões de brasileiros trabalhavam informalmente no primeiro trimestre móvel do ano. Essa parcela se expandiu, após quase três meses de isolamento social, desde que a Covid-19 chegou ao país, e muitos outros cidadãos passaram a encarar a mesma realidade de Jailson – alguns, inclusive, que tinham emprego formal. Essa parcela da sociedade, que até fevereiro representava 40,6% do total de trabalhadores ocupados, tem vivido um dos maiores dilemas dos últimos anos: escolher entre sair de suas casas e se expor ao vírus para tentar garantir o sustento da família, ou aderir ao isolamento social recomendado pelas autoridades de saúde e não saber se terá o pão de cada dia.

O ato de se isolar da sociedade representa um cenário caótico, e vai além de uma simples escolha, já que diversas cidades brasileiras aderiram ao *lockdown*, regulando a circulação de pessoas pelas ruas e paralisando diversas atividades comerciais, onde estes trabalhadores, em sua maioria, realizam suas ações. As cidades vazias tiram a esperança desses inúmeros cidadãos que dependem do comércio de rua para se manterem. Passam, então, a depender do programa de auxílio lançado pelo governo federal, com seus diversos problemas, como a tão famosa análise - que já se tornou motivo de chacota nas redes sociais -, que levam semanas até serem aprovados, além das inúmeras pessoas que não têm acesso à internet, precisando se deslocar até às agências da caixa Econômica Federal, a fim de regularizar a documentação. Filas quilométricas são registradas desde que o auxílio foi lançado, e as aglomerações tão rejeitadas se tornaram comuns, tornando mais fácil e rápida a propagação da doença.

Mais do que ceifar vidas, a pandemia, e seu isolamento induzido, tem afetado de forma arrasadora os costumes, o cotidiano de muita gente que depende do convívio social - por que não dizer da saúde? -, para sobreviver física e psicologicamente. Arrasta-se uma tristeza, não só pela morte, mas pela condição de vida ao qual os que ficam precisam enfrentar. As dificuldades se acumulam e surge a constante necessidade de se reinventar, mas, como conseguir lidar com tudo isso e ainda ter força de vontade para seguir em frente? Neste momento, isto é possível?

"Eu tenho que contornar a situação criando conteúdos"

Thayane Gabriele, 20, é mais uma entre os milhões brasileiros que precisaram se adaptar à nova realidade. Estudante de jornalismo, ela tem sua própria loja virtual, onde vende t-shirts, desde agosto do ano passado e viu a necessidade de mudar a forma de lidar com seu público, para que pudesse aumentar seus lucros, principalmente após o mês de abril, quando a pandemia ganhou força no Brasil. "Eu comecei a fazer posts mais sociais. Logo no começo da pandemia eu fiz posts sobre cuidados, como sair do tédio, isso acabou tendo um retorno muito grande", explica. Entre os pontos onde observou que precisava mudar, pontuou que foi necessário dialogar com o cliente de forma mais próxima e dedicada. "Você tem que ser mais humano e se preocupar com quem está do outro lado recebendo a informação, e se a pessoa está em uma crise e ver que você só está preocupado em vender, ela lhe descarta", disse.

Mesmo com a virada no relacionamento com os consumidores, a situação evidencia um outro problema, que engloba finanças e saúde: as entregas. Como o negócio é de pequeno porte, não há como manter serviços de entrega mais formais, como motoboys, então, ela mesma faz as entregas, o que acaba por limitar seu potencial de vendas aos locais mais próximos à sua casa. Ainda assim, tem a necessidade de locomoção através do transporte público, sendo necessário quebrar a quarentena. "Todo mundo quer comprar e quer receber na hora, isso está sendo bem complicado, porque eu não posso sair para fazer as entregas e as pessoas também não podem", afirma. Em Pernambuco, cinco cidades da região metropolitana do Recife decretaram *lockdown*

no fim do mês de maio, o que intensificou as dificuldades de circulação, mas Thayane ressalta a importância de utilizar a rede social como ferramenta de conscientização. "Eu não posso pensar em vender, eu tenho que pensar em coisas que vão além disso porque eu tenho que pensar em mim claro, porque uma crise me afeta diretamente, mas eu também tenho que pensar nas outras pessoas que não querem consumir só venda", pontua.

Com todas as dificuldades para se reinventar, a situação de Thayane reflete apenas um dos diversos cenários que envolvem esses trabalhadores, e se distancia da realidade de Jailson, já que não depende exclusivamente da loja para o sustento. Mesmo diante das dificuldades expostas, o motorista afirma que o período tem possibilitado aprendizados. "Aprendi que quando você precisa e tem a responsabilidade de prover e sustentar os seus, você vai à luta [...] Tenho aprendido a poupar também, gastar só com o necessário", explica. Ele ainda ressalta a preocupação com a situação da família, caso as medidas de isolamento rígido permaneçam nos próximos meses. "[...] minha renda será afetada, mas não positivamente. Agora dá pra manter, mas as corridas pela Uber diminuiram 50%", lamenta. Visando a dificuldade enfrentada pelos motoristas vinculados ao aplicativo, a empresa realizou uma ação entre os dias 22 de abril e 6 de maio, onde dobrava o valor da gorjeta dada ao motorista pelo usuário do serviço, o que, obviamente, não resolve o problema. No fim do mês de março, anunciou a distribuição de auxílio financeiro para motoristas e entregadores (Uber Eats) diagnosticados com Covid-19 ou colocados em quarentena por algum órgão de saúde governamental ou médico licenciado durante 14 dias.

Auxílios emergenciais

No início de abril, o governo federal lançou o aplicativo de cadastro ao auxílio emergencial, direcionado a trabalhadores informais, microempreendedores individuais e autônomos, garantindo o pagamento de R\$ 1.800,00 divididos em três parcelas de R\$ 600,00, entre os meses de abril e junho. O recurso surgiu como uma forma de socorro a estes cidadãos, mas apresenta diversas falhas em sua execução, entre elas a necessidade de realizar o procedimento de entrada ao auxílio exclusivamente pela internet, meio inacessível a inúmeros brasileiros num país tão cheio de desigualdade. Outro grande problema são as diversas filas em frente às agências da Caixa, gerando aglomerações, o que acaba não sendo muito lógico, já que a principal finalidade do auxílio emergencial é justamente dar amparo para que autônomos e informais possam ficar em casa, mantendo o isolamento social. Não raramente, tumultos são registrados pela mídia, principalmente nas grandes cidades, onde dezenas de pessoas, com algum tipo de dificuldade para se cadastrar, se dirigem às agências, buscando regularizar suas situações e poderem ter acesso ao benefício.

Até a primeira semana de maio, cerca de 6 milhões de brasileiros considerados elegíveis a receber o auxílio ainda esperavam a liberação do recurso pela Caixa, já para os que permanecem esperando a aprovação, a situação é ainda mais complicada, devido à incerteza quanto ao amanhã. Sem emprego, ou com seu pequeno negócio sem gerar tanta renda,

convivem com a constante dúvida quanto à sobrevivência de sua família. Aos que ficaram desempregados após o dia 16 de março, o auxílio não se encontra acessível, assim como para os cerca de 40 mil familiares de presos, que não poderão dar entrada para avaliação. Apesar de todos os cuidados, os cruzamentos de dados realizados pelo Ministério da Cidadania e a Dataprev já beneficiou - possivelmente de forma irregular - cerca de 73 mil pessoas ligadas ao Ministério da Defesa, sendo que R\$ 43,9 milhões foram distribuídos a militares da ativa, da reserva, pensionistas e anistiados, informação que foi confirmada, em nota, pela pasta. Até o último dia 14, 95,2% dos 118,2 milhões de pedidos já haviam sido processados e, até o início da terceira semana do mês, 59,2 milhões de pessoas já haviam sido beneficiadas com o auxílio, no valor total de 35,5 bilhões. Outras 36,8 milhões de pessoas foram classificadas como inelegíveis.

Com o auxílio direcionado exclusivamente aos trabalhadores informais, o governo federal lançou o Benefício Emergencial de Preservação do Emprego e da Renda (BEm), com o objetivo de prestar assistência aos empregados de carteira assinada que tiveram redução temporária de jornada e salário. O valor do BEm deve representar a porcentagem do seguro-desemprego equivalente ao tamanho do corte da jornada, entre 25% e 70%. No caso dos trabalhadores que tiveram o contrato suspenso, o benefício deverá ser pago de forma integral, a não ser que a empresa tenha gerado rendimento bruto acima de R\$ 4,8 milhões em 2019. Neste caso, o amparo vale por 60 dias, enquanto que, para os casos de redução parcial de jornada e salário, esse tempo é de 90 dias. O total a ser depositado aos beneficiários vai de R\$ 261,25 a R\$ 1.813,03.

Em tempos de pandemia, isolamento e *lockdown*, o desequilíbrio social se acentua e expõe como os próprios programas de assistência à população são construídos de forma frágil e, em diversos momentos, não cumprem o principal objetivo, que é chegar à parcela dos brasileiros que necessitam de uma atenção especial, devido às limitações impostas bem antes da chegada do vírus ao país. Enquanto isso, os milhões de brasileiros permanecem em análise, à espera da aprovação, nas filas das agências bancárias e casas lotéricas, expondo-se a uma doença ainda sem controle e em rápida expansão.

"Fomos um dos primeiros profissionais a sofrer e seremos os últimos a voltar"

Músico há 30 anos, o pernambucano Puan Ferreira, 51, faz parte dessa enorme parcela dos brasileiros que solicitaram o auxílio emergencial, mas ainda não foram aprovados. Com toda uma vida dedicada a arte, hoje ele forma uma dupla com a esposa, Flávia, que toca percussão, mas, assim como vários outros, já realizou atividades paralelas, como quando trabalhava para si mesmo, numa lanchonete. A pandemia chegou com força na vida de Puan, o isolamento social o obrigou a fechar o pequeno negócio e interferiu na agenda de trabalho da dupla, com shows e eventos adiados, ou cancelados, devido ao fechamento dos bares e restaurantes da região metropolitana do Recife. "Os bares em que tocávamos acabou fechando, e os bares, para

o músico da noite, é a vitrine", lamenta. A única saída para manter, minimamente, a renda da família, foi se adequar à nova realidade imposta.

“Estamos numa situação muito atípica, não tem como falar que vamos fazer algo diferente

Com o seguimento das lives em crescimento, muito por causa da maior presença das pessoas dentro de casa, o músico viu a chance para continuar, de alguma forma, sua rotina de apresentações. "Acabamos nos adaptando". No Brasil, em média, cada espectador consome 19 horas semanais de live, de acordo com levantamento da Provokers, e um dado importante chama a atenção: as maiores lives do país, realizadas pelos sertanejos Gustavo Lima e Marília Mendonça, somam quase 8 milhões de views. Além de aderir à realização de shows virtuais, um espécie de vaquinha virtual foi criada, para tentar amenizar a crise e continuar tendo visibilidade. A campanha é, na verdade, um sorteio, onde o ganhador tem direito a um show particular da dupla, que será realizado após a pandemia. "A campanha de certa forma alcançou o nosso objetivo, [...] tivemos uma adesão boa, isso mantém a nossa imagem no ar". Ainda buscando se manter, o casal não foi aprovado para receber o benefício do governo federal. "Tivemos um erro e tivemos que repetir, fizemos o primeiro pedido no dia 7 de abril mas, de lá para cá, nada", explica. Em tempos de grandes mudanças, Puan reforça que o momento o permitiu olhar para a vida de outra forma: "Refletimos bastante sobre se ajudar".

Em meio às dificuldades enfrentadas pela população que necessita da liberação do auxílio emergencial, o economista Alessandro Nanine aponta a necessidade de medidas mais eficazes para amparar a classe autônoma e informal. Ele defende a flexibilização na liberação do trabalho e da circulação de pessoas, mas ressalta a importância de fomentar a criatividade e o empreendedorismo, permitindo mais flexibilidade às linhas de crédito. "Monetariamente nosso governo é muito limitado, mas eu preciso e eu quero crer em mudanças de cenários", pontua. O profissional reforça que é preciso criar um ambiente mais favorável ao desenvolvimento de novas atividades e apoiar aquelas que já sofrem hoje com a situação econômica do país, que já registrava histórico de crescimento mais tímido, mesmo antes da pandemia. "Para o momento, o ideal é viabilizar novas linhas de crédito para os empreendedores, facilitar as negociações deles e trabalhar em ideias de fermentar empreendedorismo e criatividade de uma forma mais massiva". Já para Tayenne Moura, mestrandia em Economia pela UFMG, a principal medida a ser adotada nesta situação é a conscientização da população sobre a doença, pois, somente assim será possível superar o pico da epidemia, conduzindo o país ao retorno das atividades. "Estamos numa situação muito atípica, não tem como falar que vamos fazer algo diferente, quando é necessário ficar em casa". O estudante de economia Wallysson Vasconcelos aponta a necessidade de uma reforma trabalhista, a fim de desburocratizar o setor e facilitar o empreendedorismo, beneficiando autônomos - que passarão a contratar mais trabalhadores - e possibilitando que mais pessoas saiam da informalidade, o que deve gerar renda para ambos. "Agora, mais do que nunca, precisamos gerar incentivos para o empreendedor, principalmente as micro e pequenas empresas, que são as que mais empregam no país".

Sobre as alternativas para que estes trabalhadores possam manter, ainda que em menor escala, o sustento das famílias e dos pequenos negócios, os economistas explicam que é preciso se diferenciar dos demais, e aponta o conhecimento como forma de se destacar. "[...] Algum curso, alguma coisa que não vá afetar seu orçamento ou sua segurança para o momento. Se não, buscar informação gratuita, disponibilizada na internet, para que possa, ao máximo, investir em diferenciação e controle de qualidade", explica Alessandro. Dentre os cuidados, o mais importante, para ele, é o controle de contas, onde o autônomo ou informal precisa ser seletivo nos gastos, para que a situação não se agrave, devido ao alto endividamento. Tayenne defende que o momento exige cautela. "É bom ficar em casa um pouco pra pensar como refazer, o que pode chamar a atenção do seu negócio, e conseguir fazer mais vendas".

A economista afirma, ainda, que é importante entender que cada um responde de forma diferente às mesmas situações, mas o apoio dos governos - com programas desenvolvidos pelo Sebrae, por exemplo - pode gerar mais valorização do trabalhador autônomo e informal. "Eles vão ver a capacidade do autônomo em se refazer". Por outro lado, Alessandro acredita que a pandemia deve gerar uma maturidade, tanto para o trabalhador quanto para o consumidor. Enquanto o primeiro passará a entender sua importância, promovendo a fidelização de seus clientes, o segundo terá a chance de abrir seu leque de opções, conhecendo outros prestadores de serviços. Já para Wallyson, toda a população deveria sair da crise mais consciente, buscando depender menos do governo e poupando mais, pensando em situações emergenciais futuras. "Isso tudo acredito que irá mudar", finaliza.

O futuro da economia

Maior crise sanitária em mais de cem anos - desde a Gripe Espanhola, em 1918 -, a pandemia causada pelo novo coronavírus já deixou mais de 345 mil mortos em todo o mundo, com quase 5,5 milhões de infecções ao redor do globo. Mas, o impacto da epidemia pode ser visto à longo prazo, afetando agressivamente a economia dos diversos países que registraram casos da doença e, segundo projeções de analistas menos otimistas, podemos terminar 2020 com uma grande recessão. A atividade global deverá declinar de uma forma não vista desde a Grande Depressão de 1930, de acordo com comunicado divulgado pelo Fundo Monetário Internacional, em abril. A crise declarada deve acentuar o lento crescimento econômico do Brasil, atingindo em cheio os menos abastados, com a alta do desemprego, devido à baixa atividade comercial durante o período de isolamento social, além da falta de um cenário favorável ao investimento às micro e pequenas empresas. Com isso, um outro dado preocupante nos chama a atenção: o retorno do país ao Mapa da Fome da ONU, de onde havia saído em 2014. De acordo com a FAO, agência para alimentação e agricultura das Nações Unidas, cerca de 13,8 milhões de brasileiros se encontram em condição de fome, e o número deve triplicar, com a chegada de parte dos trabalhadores informais, que devem ficar sem renda.

Tayenne Moura explica que o Brasil deve levar mais tempo para se recuperar, pois é preciso avaliar o histórico do país, que já tentava se levantar após a economia tencionar negativamente entre os anos de 2015 e 2016, gerando a criação de tantos projetos de reestruturação, como as

diversas tentativas de reformas. A tendência é que os países com esferas mais estáveis - para além da saúde - consigam retomar o crescimento mais rápido do que o Brasil. "Quanto menos atingidas for as vidas nessa crise, provavelmente a estabilidade vai voltar na melhor forma", afirma. O economista Alessandro Nanine reforça que a reconfiguração ao patamar anterior à pandemia vai demorar e que, apenas com o fim das medidas de isolamento social, é que o país poderá reiniciar, de fato, uma retomada econômica mais forte. "Não adianta você acabar o lockdown em um lugar e em outro permanecer, se todo o país está afetado pela estabilidade de circulação e negociação em outras áreas". Mas, ressalta que esta retomada não será imediata. "Não vai ser automático, acabou o lockdown hoje, amanhã você vai voltar a receber o que você recebia antes. As empresas vão passar por um período de ajuste". Alessandro não acredita que o Brasil volte a caminhar como antes ainda este ano, na melhor das hipóteses, novos passos rumo à estabilidade apenas no fim de 2020. Wallyson Vasconcelos expressa preocupação quanto à reação das pessoas com a reabertura da economia. "Será que elas vão consumir feito antes? Irão a bares, restaurantes? O comércio todo tá abalado e isso dificulta muito as coisas".

A pandemia expõe a fragilidade de uma sociedade instável e acentua as dificuldades dos que menos têm. As histórias de Jaílson, Thayane e Puan revelam realidades distintas provenientes de uma mesma situação: a crise que afeta a todos. Por mais que se adaptar seja necessário, e possíveis formas de se reinventar tenham sido apresentadas, é preciso entender que a acessibilidade a recursos que possibilitem a concretização dessas mudanças nas formas de trabalho possui diferentes graus de apreensão a cada um, e que, por mais batalhadores que sejam, essas pessoas precisam ser vistas e assistidas pelas autoridades. Num país cheio de desigualdades e com um cenário econômico desanimador, precisamos de soluções eficazes para proteger a saúde e a sobrevivência do nosso povo. Queremos olhar o horizonte e ver uma luz, que nos dê esperança. Precisamos de dias melhores.

Por: Elayne Holanda, Erick Miranda, Ingrid Oliveira, Pollyana Nery, Renan Franza e Verônica Cristina.